



EDUARDA GREGATTI

**O PENSAMENTO DE PAUL PRECIADO:
PROBLEMATIZAÇÕES ENTRE GÊNERO, SEXUALIDADE E
EDUCAÇÃO**

LAVRAS- MG

2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

EDUARDA GREGATTI

**O PENSAMENTO DE PAUL PRECIADO: *PROBLEMATIZAÇÕES
ENTRE GÊNERO, SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO***

Trabalho de conclusão de curso (TCC)
apresentado à Universidade Federal de
Lavras, como parte das exigências do
curso de Graduação em Pedagogia para
a obtenção do título de Licenciado.

Prof. Dr. Alexandre Filordi de Carvalho

Orientador

**Lavras-MG
2023**

EDUARDA GREGATTI

O PENSAMENTO DE PAUL PRECIADO: PROBLEMATIZAÇÕES ENTRE GÊNERO, SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO

PAUL PRECIADO THOUGHT: PROBLEMATICS BETWEEN GENDER, SEXUALITY AND EDUCATION

Trabalho de conclusão de curso (TCC) apresentado à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do curso de Graduação em Pedagogia para a obtenção do título de Licenciado.

APROVADO em 07 de julho de 2023

Prof. Dr. Alexandre Filordi de Carvalho DED /UFLA

Prof^a. Dra. Jacqueline Magalhães Alves – DED/UFLA

Prof. Dr. Gasperim Ramalho de Souza – DEL/UFLA

Prof. Dr. Alexandre Filordi de Carvalho

Orientador

**Lavras-MG
2023**

*A Adelaide Cristina Gregatti Guimarães.
Dedico.*

AGRADECIMENTOS

Acredito que o que mais marcou a minha graduação foi o desejo de deixar minha marca pelo mundo, não sei se vou obter êxito nisso com essa pesquisa, mas, com certeza é um começo. Eu sei que não vou transformar o mundo inteiro com esse artigo, porém, se eu conseguir inspirar outras pessoas e chegar perto de mostrar para as vivências que falo aqui nesse texto que não estão sozinhas, então, eu fiz um bom trabalho.

Bom, eu não sei nem como agradecer a todas as pessoas que estiveram comigo durante esse período e eu não acredito que minhas palavras um dia serão suficientes para expressar o tamanho da minha gratidão;

Como dizia o Gato da Alice país das maravilhas, “We’re mad here” – nós somos todos loucos aqui – eu agradeço a todos que abraçam minhas ideias malucas.

À minha mãe, Adelaide, que esteve e está sempre comigo mesmo que não seja de forma presente, que me protege e acalma meu coração mesmo nos dias mais difíceis, esse trabalho foi feito para você e por você.

À minha irmã, Bárbara, por nunca soltar a minha mão e por ser a melhor irmã que eu poderia querer.

À minha tia, Gleides, por confiar mais no meu potencial do que eu mesma confio e me guiar sempre que minha visão fica turva.

À minha madrinha, Adriana, por sempre se preocupar comigo e por sempre me ligar quando eu tenho algum sonho esquisito.

À minha avó, Sildea Gregatti, por me ensinar a ser a pessoa que sou hoje e a defender o que eu acredito.

Ao meu raio de sol, Ana Flávia, por aguentar meus surtos e minha ansiedade e principalmente por me acalmar e acreditar em mim mesmo quando eu não acreditei.

Quero também agradecer aos meus amigos – presencialmente ou não – vocês são a brisa de ar fresco na minha vida, obrigado por não desistirem de mim!

Aos amigos que eu fiz dentro de sala de aula e que tornam minhas noites melhores, Viviane, Geovanna, Layra, Tati, Miguel, Joice, Lara e outros.

Aos meus amigos letrados que me aturam sendo um sibiante do curso de vocês, Malu, Kamila, Thayná.

Ao meu querido parceiro de academia e vida, Petrotiele, por me ajudar a levantar da cama todos os dias para ir treinar, pelas caronas e pelo ombro amigo.

À minha segunda casa, República Poucas e Boas, mesmo que não more mais lá, vocês sempre vão morar no meu coração.

À minha terceira casa, República Coliseu, obrigado por sempre estarem presentes por mim quando eu preciso.

Um agradecimento especial a todos os meus amigos que moram em lugares longes demais para poderem estar aqui: À Luana, por ser minha ouvinte número um de reclamações e ideias; À Brenda por estar sempre presente desde do começo da graduação; À Ana, por sempre me dar aquele famoso sacode quando entro em crise; À Evyla por assistir filmes de procedência duvidosa comigo.

Quero agradecer meus professores, por terem me dado toda a base possível para escrever essa pesquisa e por desafiar meus limites.

Ao meu orientador, Alexandre, por ter acreditado em mim e no meu potencial para fazer essa pesquisa.

Ao professor Gasperim, que aceitou fazer parte da minha banca e que faz parte de toda minha formação.

À professora Jacqueline, por compor a minha banca e me ensinar mais sobre gentileza e sobre sair da minha zona de conforto.

Ao professor Zaf, que me proporcionou vários novos desafios e que sempre divide a torta de frango comigo.

À Universidade Federal de Lavras, que me proporcionou conhecer tantas pessoas maravilhosas e que também proporcionou o meu crescimento individual.

À FAPEMIG, por financiar e apoiar essa pesquisa.

Ao meu irmãozinho, José, por ser a minha pessoa favorita do mundo e por me incentivar, mesmo que não saiba, a construir um mundo melhor pra você.

Aos meus guias, por não saírem do meu lado nos dias difíceis.

Ao meu computador, por ter aguentado abrir tantas abas e ajudar a organizar o meu cérebro.

E ao Dudu, o Dudu que existe hoje e que aprendeu tanta coisa, viveu tanta coisa e ainda sim, conseguiu chegar até aqui.

Sou um dissidente do sistema sexo-gênero. Sou a multiplicidade do cosmos encerrada num regime político e epistemológico binário gritando diante de vocês. Sou um uranista confinado nos limites do capitalismo tecnocientífico.” — Paul B. Preciado

Resumo: Esta pesquisa apresenta o pensamento de Paul Preciado que traz à lume a hipocrisia da nossa sociedade atual ao que se refere a gênero, sexualidades na educação, Preciado faz isso a partir de reflexões de outros filósofos e de sua própria experiência, mesclando suas narrativas com o uso da testosterona em gel, trazendo assim, em seu livro titulado “Testo Junkie: Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica” sua visão de mundo sobre as indústrias midiáticas, farmacêuticas e pornográficas, desafiando os padrões binários impostos pela sociedade. Pensando nisso o trabalho visa retratar como esses padrões binários afetam nosso sistema educacional. Portanto, a pesquisa tem caráter exploratório onde a sua metodologia foi realizada através do levantamento bibliográfico e leitura analítica da obra de Preciado intitulada "Testo Junkie: Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica" trazendo as reflexões desta leitura em conjunto com problematizações a cerca de gênero e sexualidades na educação infantil.

Palavras-chave: biopolítica, infância, tecnogênero, corporeidade, vivência.

Abstract: This research presents the thoughts of Paul Preciado, which shed light on the hypocrisy of our current society regarding gender and sexualities in education. Preciado does this by drawing on reflections from other philosophers and his own experiences, blending personal narratives with the use of testosterone gel. He conveys his worldview on media, pharmaceutical, and pornographic industries in his book titled "Testo Junkie: Sex, Drugs, and Biopolitics in the Pharmacopornographic Era," challenging the binary standards imposed by society. Considering this, the work aims to portray how these binary standards affect our educational system. Therefore, the research has an exploratory nature, conducted through a bibliographic survey and analytical reading of Preciado's work, "Testo Junkie: Sex, Drugs, and Biopolitics in the Pharmacopornographic Era." It combines insights from this reading with problematizations concerning gender and sexuality in early childhood education.

Keywords: biopolitics, childhood, technogender, corporeality, experience.

Sumário

1. HACKEANDO O CIS-TEMA	12
1 DESCONSTRUINDO O CIS-TEMA	14
2 SUA MORTE.....	15
3 A ERA FARMACOPORNOGRÁFICA	16
4 TESTOGEL	18
5 HISTÓRIA DA TECNOSSEXUALIDADE	20
6 TECNOGÊNERO	22
7 DEVIR T.	24
8 FARMACOPODER.....	26
9 TESTOMANIA	28
10 PORNOPODER	29
11 MICROPOLÍTICAS DE GÊNERO NA ERA FARMACOPORNOGRÁFICA: EXPERIMENTAÇÃO, INTOXICAÇÃO VOLUNTÁRIA, MUTAÇÃO.....	31
12 REFELEXÕES SOBRE O SISTEMA EDUCACIONAL E O HACKER DE GÊNERO	32
13 CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
14 REFERÊNCIAS	36

1. HACKEANDO O CIS-TEMA

Pensando que vivemos em uma sociedade onde existem forças dominantes e em como invalidamos nossas percepções enquanto passamos por este processo de autodescoberta e em como isto influencia em nossas formações como seres humanos e múltiplos essa pesquisa se torna fundamental como parte do meu próprio entendimento como um ser múltiplo e pesquisador trans e meu lugar como potencializador dessa temática. Refletindo sobre a temática, esta pesquisa busca trazer recortes de gênero-raça-classe voltadas ao ensino educacional Brasileiro, com enfoque no apagamento de vivências transexuais e transgêneras na rede de ensino e também em lugares públicos, vale ressaltar que esses conceitos serão abordados a partir da visão de Preciado que é um autor branco, e repassados pela minha percepção que também é de uma pessoa branca. Sendo assim, buscando enriquecer e potencializar estes diálogos, busquei também outras fontes sobre a temática para que desta forma o trabalho também englobasse a visão de pessoas negras sobre o assunto.

O pensamento de Paul Preciado em “*Testo Junkie*” é contemporânea, trazendo assim reflexões sobre nossa sociedade, o texto do autor é dividido em dois momentos, o primeiro sendo reflexões da teoria queer com os seus diversos autores, e em segundo momento uma narrativa de sua própria vida e experiência com o uso da testosterona, sendo assim, o nome “*Testo Junkie*” faz alusão a esta experiência pessoal do autor, com Testo vindo de Testosterona e Junkie de viciado. O trabalho busca ligar os conceitos da indústria farmacopornográfica com a nossa visão de educação, tem como viés criar um espaço de diálogo aberto onde os leitores – professores, pesquisadores ou quaisquer outras pessoas que tenham interesse neste assunto – desse trabalho consigam refletir sobre suas práticas educacionais, sua postura perante a sociedade e como fazer o desmanche pouco a pouco desta sociedade patriarcal.

A discussão será baseada no pensamento de Preciado, nos dispositivos de controle da indústria farmacopornográfica e no discurso hipócrita da sociedade cisheteronormativa diante de necropolíticas¹ de extermínio a populações transexuais e transgêneras. O presente artigo tem como viés principal a investigação das repercussões destas políticas

¹ A necropolítica explora as formas pelas quais o poder político opera não apenas controlando a vida, mas também controlando e gerenciando a morte. Mbembe argumenta que as formas modernas de poder, especialmente no contexto do colonialismo, imperialismo e opressão contemporânea, estenderam sua dominação sobre a vida e a morte se baseia na ideia de que o poder político contemporâneo não está apenas interessado em controlar a vida das pessoas, mas também em decidir sobre quem deve morrer ou ser deixado morrer.

que tornam invisíveis corpos e vivências afetam as infâncias e criam barreiras pedagógicas entre o educar ou o castrar, colocando em evidência como nosso sistema educacional além de castrar as crianças, castra ²também pessoas adultas.

É indispensável ressaltar que o objetivo central desta pesquisa é compreender como os papéis de gênero impostos por uma sociedade machista e patriarcal repercutem sistemas de biopolíticas e necropolíticas para o domínio dos corpos, desejos e afetos, especificando e elucidando questões como os efeitos dessa sociedade dominante, na visão da criança e suas representações nos meios de mídia com embasamento teórico de Preciado, também trazendo em evidência os impactos da era farmacopornográfica nas relações de gênero e sexualidade na educação, buscando desmitificar a visão binária de menino e menina em ambientes escolares.

A metodologia utilizada nessa pesquisa foi realizada através de levantamento bibliográfico, leitura analítica e fichamento do livro “*Testo junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*”, do autor Paul B. Preciado, escrito no ano 2018. Entre o mês outubro do ano 2022 até mês maio do ano 2023. Na medida que a compreensão própria do movimento analítico se processou, no decorrer da pesquisa de *Testo Junkie*, visou-se correlacioná-lo com as problematizações de gênero no campo da educação, notadamente a infantil. Os resultados desse procedimento estão consubstanciados no próprio teor dos resultados da pesquisa, como será visto adiante.

A presente pesquisa se torna pertinente pelo seu caráter contemporâneo, por meio do qual podemos enxergar reflexões sobre a nossa sociedade e seus mecanismos de poder. No decorrer desta pesquisa será possível compreender como os papéis de gênero impostos por uma sociedade machista e patriarcal criou sistemas de biopolíticas e necropolíticas para controle dos corpos, dos desejos e dos afetos. Desta forma, a instituição escolar passa de um lugar de acolhimento para um lugar de “castração”, onde as infâncias são moldadas a partir desses estereótipos criados pelo sistema de poder. Como lidar quando o ambiente que supostamente existe para a exploração destas multiplicidades passa a se tornar um local de perseguição? Quem está protegendo a criança queer? Se a educação liberta, porque ela também castra?

² O termo “castrar” neste trabalho se trata do conceito de castração embasado pelo diário da psicanálise, que de acordo com Freud que define castrar/castração como um conjunto de consequências subjetivas, principalmente inconscientes determinadas pela ameaça de castração do homem e pela ausência de pênis na mulher. E de acordo com Lacan, conjunto dessas mesmas consequências enquanto determinadas pela submissão do sujeito ao significante.

Se torna imprescindível ressaltar a escolha de Preciado para esta pesquisa, visando que o mesmo se baseou em outros pesquisadores e autores para realizar a sua própria pesquisa, sendo eles: Foucault, Butler, Wittig e entre outros, a escolha do Paul Preciado para o embasamento teórico dessa pesquisa é justificada por sua narrativa autoexploratória e pela sua identidade como homem trans ao abordar essa temática. A presença de Preciado como referência teórica agrega uma perspectiva única e enriquecedora ao estudo, proporcionando uma visão íntima e pessoal sobre as questões em análise.

Além disso, a presença de Preciado também fortalece a representatividade promovendo a inclusão de perspectivas diversas sobre a temática em estudo. Isso amplia as possibilidades de análise e enriquece a pesquisa. Portanto, ao incorporar o embasamento teórico de Paul Preciado, a pesquisa busca não apenas aprofundar-se nas questões pertinentes à temática, mas também valorizar a importância da narrativa autoexploratória e da diversidade de perspectivas, promovendo uma análise mais completa e significativa das experiências vividas por populações transexuais e transgêneras. A pesquisa tem se trata de uma pesquisa qualitativa e terá como foco mapear a obra *Testo Junkie* de Preciado, com a finalidade de analisar as seguintes questões: Como a era farmacopornográfica e sua biopolítica podem ser identificadas e desmanteladas na abordagem do gênero e sexualidades na educação contemporânea? E como podemos relacionar essa temática com o direito a educação – acesso e permanência – de vidas LGBTQIAPN+?

O trabalho tem sua divisão feita em tópicos cujo os nomes são homônimos aos capítulos dos livros de Preciado, totalizando ao final onze tópicos de teoria-discussão, buscando intercalar os conceitos do autor, juntamente com problematizações a respeito do nosso sistema educacional atual, a partir de análises do sistema farmacopornográfico e seus reflexos tanto na sociedade como em espaços sociais, buscando assim, a criação de sistemas mais justos e inclusivos.

1 DESCONSTRUINDO O CIS-TEMA

Esta seção busca subsidiar essa pesquisa, trazendo uma ampla visão sobre as escolhas que foram feitas para a realização deste trabalho e facilitar para você, leitor deste trabalho sua compreensão. A pesquisa foi realizada através da investigação de “*Testo Junkie*”, discutir e elucidar sobre os sistemas reguladores da nossa sociedade. Nessa etapa

do trabalho, serão discutidos os capítulos do livro de Paul Preciado, entretanto, foi realizada uma pré-seleção dos capítulos que seriam inclusos nessa pesquisa visando assim o foco nas discussões geradas pela leitura analítica e trazendo reflexões sobre o nosso atual sistema educacional e como ele também funciona como mecanismo de controle e poder. Preciado, em sua introdução no livro, explicita que o livro não se trata de uma autobiografia, apesar de conter relatos de sua própria vivência. É compreensível que ao escrever um livro sobre o que o autor denomina era farmacopornográfica, além de trazer outros filósofos e o conceito de necropolítica, sua vivência e as teorias estavam interligadas como um fio de DNA, não podendo ser separado do fluxo da escrita, Preciado chama sua obra de uma "ficção autopolítica ou uma autoteoria". Em uma era que o corpo é uma ferramenta política e que a mídia toma conta das narrativas como bem entende, Paul Preciado deflagra seu próprio relato sem nenhuma influência da mídia ou do Estado sobre seu corpo e seu ser, mudando assim, como vemos e refletimos sobre o capitalismo e a infância, e em como a educação está sendo afetada e reproduzindo discursos do governo e do capital. Preciado nos coloca para refletir como o ambiente escolar, que era para ser um ambiente multiplicador de subjetividades, se torna apenas mais um ambiente de exclusão reprodutiva.

2 SUA MORTE

Preciado apresenta "*Texto Junkie*", em capítulo narrando sua experiência pessoal, trazendo a morte de um amigo, seus sentimentos e a aplicação da testosterona e seus efeitos no seu corpo. Preciado desafia o sistema regrado e farmacopornográfico, com sua aplicação de testosterona, fazendo-a sem acompanhamento, transformando assim sua experiência em estudo. O autor traz consigo o conceito de corpo como ferramenta política, sendo assim, na era farmacopornográfica o corpo político também é um corpo midiático. O corpo sendo parte operante da nossa sociedade, ele também se torna algo a ser controlado, atravessado pela política e a mídia, privado de seus desejos, porque o corpo se tornou uma questão de poder e controle, é através deste controle político e midiático que a era farmacopornô decide quais corpos serão passíveis de luto.

Desde da escrita desse livro em 2018 até o presente momento em 2023, os veículos de mídia se tornaram ainda mais vorazes. Se em 2008 (primeira publicação), já havia uma grande produção de conteúdos pornográficos, hoje essa indústria está cada vez maior e mais difundida não só a parte da indústria pornográfica se alastrou, mas como

toda a indústria midiática, ou seja, estamos vivendo em uma era de bombeamento de informações a todo momento e isso acaba afetando muito mais as crianças e a visão de si mesmas que elas têm.

3 A ERA FARMACOPORNOGRÁFICA

De acordo com o autor, a era Farmacopornográfica é o período do capitalismo que estamos inseridos. Preciado pondera que essa era é caracterizada pela interseção entre a indústria farmacêutica (farmaco-) e a indústria da pornografia (-pornográfica), que se tornaram forças dominantes na produção de subjetividades e no controle dos corpos.

Consequentemente, se corpos e desejos são controlados pelo poder capitalista farmacopornô, o corpo não se torna só um ato político como também um produto comercial, tornando-se um corpo autopornográfico. Atualmente, as novas plataformas tecnológicas permitem a qualquer ser humano com acesso a uma câmera e a internet comercializar momentos da sua vida íntima ou mesmo performar. A “economia” pornográfica está ganhando cada vez poder político e social, a indústria é gigantesca e se alastra cada vez mais tanto na internet como em livros.

Esta indústria ciberpornográfica, é um reflexo direto da mercantilização da internet, movimentando bilhões, sendo em dinheiro “real” ou no mercado digital com criptomoedas. Uma plataforma se destacou nessa indústria nos últimos anos, o OnlyFans, esse site foi criado em 2016 por um empresário britânico chamado Timothy Stokely, com o objetivo de celebridades venderem conteúdo para seus fãs, como a plataforma não contém restrições desses conteúdos que estão sendo compartilhados, logo, a transformação acontece, agora o site não é voltado apenas para conteúdo de entretenimento, mas também para conteúdos pornográficos. O auge do OnlyFans ocorre em 2020, com a pandemia e então ele se torna algo ainda maior, nem só celebridades estão comercializando seu conteúdo - majoritariamente pornográfico - como qualquer pessoa pode fazer isso.

É compreensível essa ascensão da plataforma, principalmente em uma época de confinamento e isolamento social, os desejos foram privados de forma presencial, por consequência, alastramento da indústria ciberpornográfica ocorreu. Uma massiva quantidade pessoas que não são atores pornô, ganham sua renda principal dessas vendas de conteúdos, o site permita que você escolha quanto irá receber, sendo um diferencial.

No capitalismo farmacopornográfico a força do trabalho revelou seu verdadeiro substrato: a força orgásmica ou *potentia gaudendi*: O

capitalismo atual tenta colocar para trabalhar é a *potentia gaudendi*, seja em qual forma ela exista: seja na forma farmacológica (uma molécula consumível e um agente que vai operar dentro do corpo da pessoa que está absorvendo) na forma de representação pornográfica (um signo semiótico-técnico que pode ser convertido em dado numérico ou transferido para mídia digital, televisiva ou telefônica) ou na forma de serviço sexual (uma entidade farmacopornográfica viva, com sua força orgásmica e seu volume afetivo colocados a serviço do consumidor por determinado tempo, de acordo com um contrato mais ou menos formal de venda de serviços sexuais). (PRECIADO, 2018, p. 45)

Da mesma maneira que a indústria pornográfica movimenta bilhões no capitalismo farmacopornográfico, a rede farmacêutica acaba por fazer o mesmo. Na era farmacopornô, os medicamentos não são utilizados apenas para tratar e curar doenças, mas também, para ajuste e controle de corpos a padrões normativos da sociedade, sendo eles padrões de beleza, padrões de gênero ou padrões de sexualidade. Os medicamentos passam de “soluções para doenças” para “soluções de padronização”, ou seja, essa mercantilização tira espaços de debate para questões sociais e culturais e transforma em compra e venda de soluções milagrosas

A criação de “pílulas milagrosas”, para perda de peso, disfunção erétil, pílulas anticoncepcionais, suplementos e até hormônios para a transição de gênero, afeta diretamente não só os adultos como crianças. A indústria midiática promove corpos perfeitos, sexualidades e gêneros aceitáveis, consumimos esse tipo de “propaganda” o tempo todo. Sendo assim, começamos a nos questionar porque nossos corpos e afetos não se qualificam como bons o suficiente, por conseguinte, procuramos soluções rápidas e indolores para “consertar” nossos desejos e corpos. A grande parte delas “pílulas milagrosas” não precisam de receita médica, o que acaba resultando em outro problema, a automedicação sem acompanhamento, em grandes doses, alguns desses medicamentos consumidos sem supervisão, podem causar danos irreversíveis.

Tendo em vista que no capitalismo farmacopornográfico, tanto a indústria farmacêutica tanto quanto a indústria pornográfica, são indústrias que tem um grande canal midiático e de capital por trás das cortinas. Por esse motivo, a proliferação da era farmacopornográfica ocorre em todo lugar, o tempo todo.

Os ambientes escolares e não escolares que buscam a formação de crianças/e ou jovens adultos, estão sujeitos a interferência direta desse novo modelo capitalista, a consequência direta disso é a repressão dos corpos e desejos de crianças/jovens adultos, o fechamento do possibilidade total dos corpos, os diálogos não existem e nem devem

existir, a educação sexual também não, porque esses sujeitos tem que se tornar reféns da indústria farmacopornográfica, devem buscar controlar seus corpos, afetos e desejos, refletir e se frustrar por não se encaixar em padrões, criar expectativa sobre seus corpos e relações que serão irreais.

Ao pensarmos na instituição escolar como ambiente político e regrador que a criança se insere fora do seu âmbito familiar, este ambiente se torna então um local de padronização de indivíduos, sendo imersa nos conceitos binários e castradores de possibilidades da sociedade. A escola então deixa a premissa de ambiente educador para assumir, assim, uma identidade de um local de adestramento.

Sendo assim, torna-se de suma importância a discussão e a problematização do nosso sistema educacional com a multiplicidade de sujeitos, trazendo à tona como podemos começar a atribuir pequenas mudanças para criar um ciclo efetivo de reação em cadeia para que o ambiente escolar se transforme assim, de fato, em um ambiente que respeite as multiplicidades de sujeitos e que seja potencializador de processos de subjetivação singular e coletiva.

4 TESTOGEL

Preciado engendra um interessante novo: “hackers de gênero”³. Essa nova expressão é antagônica à expressão “disfórico de gênero” que se é comumente usada em nossa sociedade. A ideia dessa troca de termos por Preciado é a retirada do estigma colocado pela sociedade capitalista farmacopornô em pessoas transexuais, já que o termo “disfórico de gênero” está atribuído à doença.

Somos usuários copyleft: isso é, consideramos os hormônios sexuais como biocódigos livres e aberto, cujo o uso não deve estar regulado nem pelo Estado nem confiscado pelas companhias farmacêuticas. (Preciado, 2018, p.59)

O estigma que paira sobre pessoas trans serem pessoas doentes, restringe a possibilidade de vivência desses indivíduos e a ocupação por eles em espaços formais. O direito da educação e principalmente o direito de uma educação que seja digna, onde as crianças trans podem viver tranquilamente em comunidade é raro. Condições dignas, que muitas vezes nem passam pela nossa cabeça como: uso do banheiro, são questões de luta

³ Hackers de gênero é uma expressão usada pelo Preciado para designar pessoas que fogem dos padrões binários impostos pela sociedade, considerando que os hackers como conhecemos burlam sistemas eletrônicos, os hackers de Preciado burlam os sistemas da sociedade. Outro termo utilizado por Preciado que tem esse mesmo significado seria: piratas de gênero.

diária vividas por pessoas trans ainda refletindo sobre isso, podemos trazer outros tipos de dano que esse estigma perpetua sobre essas vivências, como a expectativa de vida de uma pessoa trans no Brasil ser 35 anos e a porcentagem de ingresso nas universidades de 0,02%.

As micro violências são frequentemente perpetuadas em ambientes escolares e ambientes públicos porque são convenientemente escondidas em baixo do tapete da sociedade patriarcal. Elas podem se manifestar de diversas formas, como: no uso do nome morto, o uso incorreto de pronomes, a proibição de ir ou estar em algum lugar e/ou instituição. Além disso, a falta de médicos (as) especializados (as) para tratamentos hormonais e protocolos clínicos adequados, apenas fortalecem a ideia preconceituosa da sociedade, dificultando assim todo o processo de autoafirmação e autoconhecimento para as crianças.

O autor assim que inicia sua jornada de autoexperimentação da testosterona, relatando em sua obra, os resultados dessa experimentação e ainda assim mantendo sua identidade jurídica de mulher, pelo menos nesse início. Preciado também deixa claro que essa experimentação só é possível pela posição privilegiada que o mesmo ocupa.

Obviamente, esta posição é um luxo político. Se nesse momento posso me permitir isso, é porque não preciso sair para procurar trabalho, porque sou branca e porque não tenho qualquer intenção de manter um relacionamento com o Estado. (PRECIADO, 2018, p. 65)

É imprescindível lembrar que a autoexperimentação de Preciado não rege todo o território de experiência transexual. A comunidade transexual é ampla e contempla dentro dela várias vivências, havendo dentro dela recortes de diferentes experiências e vivências, e a experimentação de Preciado só foi possível graças às linhas de frente transexuais que abriram esse caminho tortuoso da repressão.

Com a leitura de *Testo Junkie* é possível expor como a indústria farmacopornográfica é uma extensão quase corporal de homem branco cis e rico quando evidenciamos que o processo de aquisição de hormônios é facilitado quando se é cisgênero, alegando falta de vitalidade. Na bula da testosterona não existe nenhuma prescrição para o uso indicado para pessoas trans, o suposto é que a molécula será usada por homens cis com deficiência hormonal. A indústria farmacopornográfica é sutil em suas formas de opressão, que são feitas por meio de sutilezas, como essa:

Uma tautologia ⁴política excelente. Como a depressão ou a esquizofrenia, a masculinidade e a feminilidade são ficções farmacopornográficas definidas retroativamente segundo a molécula com a qual são tratadas. Não há categoria depressão sem molécula sintética de serotonina, assim como não há masculinidade clínica sem testosterona sintética. (PRECIADO, 2018, p.65)

Podemos assim, entender esse como um movimento estratégico e biopolítico para a repressão de sujeitos marginalizados, afinal, para o poder continuar funcionando binário e farmacopornológico, é necessário que o poder⁵ castre qualquer potencialidade que se é tratada como “anormal” ou “fora do padrão”. O poder só continuará sendo poder se ele usar suas estratégias de necropolítica para subjugar as “minorias”, ou seja, a erradicação ou quase extinções de populações para fortalecer o capitalismo farmacopornográfico.

5 HISTÓRIA DA TECNOSSEXUALIDADE

De acordo com o conceito de biopolítica⁶ de Foucault (1976) e recepcionado neste trabalho pelo pensamento de Preciado, a biopolítica é derivada do biopoder⁷. Este, por sua vez, refere-se a uma nova forma de poder produtivo e expansível, tendo a própria concepção de vida como alvo. Assim, biopolítica é um mecanismo de gestão de grupos populacionais para os quais se supõe um tipo de biopoder na sociedade, sendo assim, esse conceito também reverbera uma gestão política de melhoramento ou aniquilamento de grupos inteiros de vidas, tais como as vidas transexuais.

Este poder já não se comporta mais como uma lei coercitiva, um mandado negativo: é mais versátil e acolhedor, adquirindo a forma de “uma arte de governar a vida”, uma tecnologia política geral transformada em arquiteturas disciplinadoras. (prisões, quartéis, escolas, hospitais, etc), textos científicos, tabelas estatísticas, cálculos demográficos, manuais, recomendações de uso, calendários de regulação reprodutiva e projetos de saúde pública.” (PRECIADO, 2018, p. 75)

⁴ Uma tautologia significa redundância, insistência desnecessária nas mesmas ideias.

⁵ O poder neste contexto se refere ao Estado e seus mecanismos de repressão.

⁶ Biopolítica - Há que entender por "biopolítica" a maneira pela qual, a partir do século XVIII, se buscou racionalizar os problemas colocados para a prática governamental pelos fenômenos próprios de um conjunto de vivos enquanto população: saúde, higiene, natalidade, longevidade, raça

⁷ Biopoder - Trata-se, definitivamente, da estatização da vida biologicamente considerada, isto é, do homem como ser vivo. A formação do biopoder, segundo Foucault, poderia ser abordada a partir das teorias do direito, da teoria política (os juristas dos séculos XVII e XVIII colocaram a questão do direito de vida e morte, a relação entre a preservação da vida, o contrato que dá origem à sociedade e a soberania) ou ao nível dos mecanismos, das técnicas e das tecnologias do poder.

Preciado assim apresenta o conceito de sexopolítica, este conceito estaria fortemente ligado a biopolítica de Foucault, e aos padrões de masculinidade e feminilidade que são agentes padronizadores de “normalidade” da era farmacopornográfica.

Denomino uma das formas dominantes desta ação biopolítica, que emerge como capitalismo disciplinar, como sexopolítica. O sexo, sua verdade, sua visibilidade, suas formas de exteriorização; a sexualidade e as formas de prazer normais e patológicas; e a raça, em sua pureza ou degeneração, são três ficções somáticas poderosas que obcecaram o mundo ocidental desde o século XVIII, chegando a definir o escopo de toda atividade teórica, científica e política contemporânea.” (PRECIADO, 2018, p.76)

Podemos, assim, refletir sobre os padrões binários ⁸impostos a crianças. A reflexão pode tornar-se pertinente quando analisamos no meio escolar a divisão de esportes, brincadeiras e brinquedos; meninos jogam futebol, meninas assistem e torcem; meninas brincam de boneca, meninos de carrinho. Desse modo, qualquer indivíduo que fugir ou questionar dessa norma será punido e, ao falar de punição, esta pode não ser feita só de forma física, a humilhação e proibição, são alguns dos vários mecanismos de controle do poder para se manter no topo.

Qualquer sujeito que desafia a norma também desafia o poder. O sistema de poder heteronormativo vem de um longo processo de enfraquecimento, portanto, podemos dizer que os grupos que habitam esse poder irão criar estratégias para se manterem como tal, por isso, a divisão não só entre masculino e feminino, mas como a divisão de brancos e não-brancos, heterossexual e homossexual, ricos e pobres acontece.

Uma maneira de perpetuar o sistema heteronormativo é impossibilitar a vivência e a pluralidade das demais “formas de vida” que não sejam correspondentes ao rosto do poder. Conseqüentemente, os meios midiáticos reproduzem esses discursos e estas separações, sendo por filmes, desenhos infantis, redes sociais e etc. Esses produtos da rede midiática ajudam a perpetuar os papéis de gênero, sexualidade, raça e classe pré-estabelecidos por uma sociedade castradora. A falta de representatividade nesses meios, afeta a visão da criança em sua própria imagem, e seu lugar no mundo, ao não se verem

⁸ Os padrões binários são usados para definir conceitos que envolvem dualidades, onde algo é separado em duas categorias opostas e distintas, não podendo existir a ocupação em categorias opostas. Os padrões binários perpetuados pela sociedade ajudam a perpetuar segregações, eles refletem principalmente em questões como gênero, orientação sexual e identidade racial.

representadas, tendem a questionar seu próprio valor e até mesmo negando seus desejos e necessidades em prol de uma aceitação e afirmação em seu meio social.

Dito isso, é imprescindível para educadores entenderem o funcionamento desta sociedade farmacopornográfica que, acima de tudo, é midiática, buscando assim criar um ambiente de escolarização que seja aberto às pluralidades das singulares de vidas humanas.

6 TECNOGÊNERO

O gênero apresentado como uma tecnologia de controle e castração do desejo humano abrange a seguinte perspectiva:

A invenção da categoria gênero (gender) sinalizou uma cisão e tornou-se o ponto de partida de origem para o surgimento do regime farmacopornográfico de produção e governo da sexualidade. Longe de ser criação de uma agenda feminista, a noção de gênero pertence ao discurso biotecnológico que apareceu nas indústrias médicas e terapêuticas do Estados Unidos na década de 1940. O gênero e a masculinidade e feminilidade farmacopornográficas são artefatos originados do capitalismo industrial e atingirão picos comerciais durante a Guerra Fria, assim como a comida enlatada, o computador, as cadeiras de plástico, a energia nuclear, a televisão, o cartão de crédito, a caneta esferográfica, o código de barras, os colchões infláveis ou os satélites de comunicação. (PRECIADO, 2018, p. 109)

A era farmacopornográfica tem como uma de suas maiores características a disseminação e influência de dispositivos tecnológicos que desempenham um papel significativo na conformação dos padrões de gênero. Estes padrões frequentemente são rígidos e limitantes, restringindo as possibilidades e potenciais individuais. Além disso, a criação de uma dicotomia de gênero busca impor uma segregação, atribuindo certas responsabilidades e certos direitos de forma exclusiva para as categorias masculinas e femininas.

Esses dispositivos tecnológicos tendem a adotar uma perspectiva de sociedade que tende ao dualismo, categorizando exclusivamente os indivíduos em masculinos ou femininos. Na realidade, contudo, temos a potencialidade para pluralidades de identidades e sexualidades, por sua vez, construídas fora dos circuitos da biopolítica dominante. Ainda assim, somos limitados às características físicas e visuais, em pontos de vista do masculino e feminino, portanto, quando um indivíduo não se adequa a esses padrões, a exclusão social acontece.

Segundo Preciado (2008), as genitálias são compreendidas como biocódigos de regimes de poder e conhecimento. Esses biocódigos funcionam como reguladores de ideais, ficções biopolíticas que encontram seu suporte somático na subjetividade individual. A maior prova dessa realidade pode ser explicitada com dois exemplos. O primeiro exemplo são os bebês intersexuais e o segundo exemplo, seriam pessoas trans ou travestis. No primeiro caso, podemos explorar como a sociedade impõe seus padrões em recém nascidos que não podem expressar seus desejos e identidade, mas mesmo assim são obrigados a passarem por uma cirurgia mutiladora de seus corpos, a fim de encaixarem esses recém nascidos nos padrões binários pré-estabelecidos.

No segundo exemplo, pessoas trans e travestis são excluídas da sociedade por expressarem seu gênero. Isso acontece porque essas pessoas estão indo contra uma norma imposta pela sociedade capitalista, qual seja, farmacopornográfica e falocentrista⁹. Como consequência, ao buscarem suas pluralidades e diferenças, essas pessoas, inclusive crianças, são expulsas de espaços sociais e educativos, sendo a elas, inclusive, negados sua cidadania e seus direitos básicos.

É necessário então considerar as críticas empreendidas a toda essa conjuntura por movimentos sociais, políticos e culturais que buscam a afirmação do gênero *copy left*. Levando em consideração o critério – que visa a análise de uma sociedade dominante sobre os grupos ditos como minoritários com recortes de gênero, raça e classe – deste artigo, apenas dois – dos vários movimentos – serão tratados aqui, sendo eles o feminismo e o movimento LGBTQIAPN+. É de extrema importância ressaltar que esses dois movimentos são importantíssimos para a sociedade e que foi através deles que várias conquistas tanto de mulheres como de pessoas LGBTQIAPN+ foram possíveis, contudo, também se faz necessária a análise crítica de ambos e suas intersecções para que cada vez mais seja possível o acolhimento de nossa pluralidade no âmbito social.

Começamos a análise pelo movimento feminista. Este movimento não é monolítico, ou seja, existem várias intersecções e abordagens dentro dele, mas o objetivo principal do movimento como um todo é a luta das mulheres pela sua igualdade na sociedade. É crucial lembrarmos que vivemos em uma sociedade machista, patriarcal¹⁰, binária, e branca – em formas de poder – portanto, precisamos levar isso em consideração

⁹ É a convicção da ideia de superioridade masculina ligada ao órgão genital (pênis)

¹⁰ Patriarcado é o sistema social em que homens mantêm o poder e predominam em funções de lideranças políticas.

ao analisar o movimento. Então, quando o autor suscita para o leitor suas problemáticas do movimento feminista, enfatizando o movimento feminista branco, é necessário ressaltar os recortes de raça e classe também presentes na sociedade.

Torna-se imprescindível entender que mesmo em uma visão geral do feminismo, ele engloba todas as mulheres, porém, ainda existe o peso de uma sociedade sobre o movimento, tornando assim uma luta de várias frentes e multifacetada. É pertinente a lembrança que enquanto mulheres brancas estão lutando pelo direito de salários melhores, empregos melhores; mulheres pretas podem estar lutando para terem carteira assinada, acesso a escolarização e lutando diariamente contra o racismo. Enquanto isso, mulheres intersexuais e/ou transexuais e/ou travestis estão lutando pelo direito de serem reconhecidas como mulheres ou de apenas não serem brutalmente assassinadas. Analisando o movimento LGBTQIAPN+, é possível fazer uma observação parecida. Cada letra da sigla – estando presente ou agrupada no + – luta por frentes diferentes, buscando a melhor forma de atender a necessidades de seus integrantes.

Nessa análise, é possível perceber que, embora esses movimentos lutem em prol da igualdade na sociedade, ainda persistem desigualdades e preconceitos dentro deles.

7 DEVIR T.

Preciado relata sua relação com a testosterona e com o processo de "tornar-se" masculino. O autor explora o dualismo entre a busca por aquilo que ele deseja ser e ter acesso, e o controle político do Estado sobre os desejos pessoais. As terapias hormonais, em teoria, deveriam ser de fácil acesso, porém, ao utilizá-las, o indivíduo se vê aprisionado em uma caixa de definições sobre como ele deveria ser, como deveria agir e quem ele deveria desejar. A transexualidade tem percorrido um longo caminho para ser compreendida e não mais tratada como uma doença. Somente em 2018, a OMS (Organização Mundial da Saúde) retirou a classificação de transexualidade como uma doença. Apesar dessa importante declaração reconhecendo que pessoas transexuais devem ser respeitadas em sua identidade, é lamentável constatar que a expectativa de vida de uma pessoa trans no Brasil ainda seja tão baixa, estimada em apenas 35 anos.¹¹

¹¹ Dados sobre a expectativa de vida de pessoas trans foram retirados do dossiê da ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais)

Apesar de Preciado ter discutido em capítulos anteriores a possibilidade de um apagamento da heterossexualidade como maioria, é evidente que os esforços dos conservadores estão se intensificando cada vez mais no sentido de suprimir as chamadas minorias. É importante ressaltar que as escolas e os ambientes escolares estão inseridos em uma estrutura social influenciada pelo sistema capitalista. Isso significa que, em muitos casos, conservadores têm uma influência significativa sobre como esses ambientes são moldados e como certas questões são abordadas. Mesmo que tenhamos tido avanços recentes na implementação de políticas voltadas para o diálogo e discussão de temas como racismo, LGBTQIAPN+fobia e ademais formas de violência, há uma pluralidade de educadores que enfrentam desafios ao abordar esses assuntos nos espaços educativos, principalmente com crianças.

Os esforços dos conservadores para apagar a diversidade e impor uma visão estreita de normalidade são uma ameaça aos direitos humanos e à liberdade individual, esses grupos buscam a permanência de uma sociedade onde grupos LGBTQIAPN+ não podem ocupar espaços público. Essa segregação sexual do espaço público também pode ser analisada nos ambientes escolares, nos dispositivos de mídia e entre outros.

Em ambientes escolares podemos facilmente perceber esta segregação, ela começa na divisão de filas e vai até a divisão de brincadeiras e atividades, limitando, assim, a infância. Ao estabelecer uma linha limite em infâncias entre “menino” e “menina”, criamos uma limitação na vivência dessa infância pela criança, onde existem brincadeiras que meninos não podem brincar e vice-versa, projetando, assim, no futuro, adultos engessados em suas caixas binárias e conformados com o regime biopolítico da sociedade farmacopornográfico.

Ao padronizar o masculino e feminino, também padronizamos a forma de representação disso na sociedade, ou seja, criação de fórmulas de padronização acontecem até na personalidade do sujeito, gerando assim, uma masculinidade agressiva e uma feminilidade passiva, criando os estereótipos de gênero e sexualidade, como: menino não chora, menina não pode correr, gay tem que ser afeminado, lésbica quer ser um garoto.

É preciso problematizar e indagar estes pensamentos pré-estabelecidos cristalizados na sociedade, trocando assim o foco, visando uma infância livre e um ambiente escolar respeitador de todas essas vivências e demandas. No caso de crianças trans, é compreensível entender a dificuldade na permanência em redes de ensino, pois

muitas dessas crianças já vêm de uma situação de dificuldade de acolhimento familiar, visto que vivemos em uma sociedade transfóbica. Ora, garantir uma educação inclusiva e saudável para as crianças trans é o mínimo que nosso sistema democrático poderia oferecer, contudo, para o capitalismo farmacopornográfico não interessa que essas infâncias sejam inclusas.

Caso essas infâncias fossem inclusas e priorizadas pelo Estado, além de seu bem-estar e a criação de políticas para orientação de pais/tutores, essas crianças teriam mais suporte para chegar ao ensino superior e ao mercado de trabalho. Sendo assim, não seriam mais uma mão de obra destinada à precarização banalizada no contexto da indústria farmacopornô. A indústria farmacopornográfica anseia em continuar com o sistema de apagamento de gênero-raça-classe porque para ela isso é lucrativo, esse sistema gera lucro porque enquanto os apagamentos desses grupos continuarem, não existirá outras formas de conseguir capital que não sejam pelas mãos da indústria farmacopornográfica.

Os grupos que controlam essa indústria desejam continuar com espaços de segregação, desejam o apagamento de qualquer sujeito que considerem “não digno”, sendo uma nova fórmula de “caça às bruxas”.

8 FARMACOPODER

Segundo Silvia Federici (citado em Preciado, 2018 p. 158) “Caça(s) as bruxas ocorreram simultaneamente com a colonização e o extermínio das populações do novo mundo (...)” No mundo contemporâneo, infelizmente estamos testemunhando um ressurgimento de atitudes discriminatórias que se assemelham a uma nova “caça às bruxas”. Nos Estados Unidos, em particular, estão sendo impostas diversas leis denominadas “anti-trans”, que têm como objetivo restringir os direitos fundamentais das pessoas trans e negar-lhes acesso às condições básicas de uma vida digna. Essas leis vão desde a imposição de restrições no uso de banheiros até a proibição de terapias hormonais.

No Brasil, esse “movimento” de demonização de pessoas trans também tem ganhado força, apoiado pela extrema direita, com discursos mentirosos e desinformações a fim de causar medo e a amplificando desinformações na sociedade. Com o excesso de desinformações e fake news circulantes em nosso meio principalmente voltado ao grupo LGBTQIAPN+, alguns grupos acabam sofrendo mais ainda essa demonização do que outros que acabam sendo mais discutidos em redes sociais e outras mídias, como é o caso de pessoas assexuais, aromânticas, demissexuais, não-binaries, pansexuais e

intersexuais. Muitas pessoas mesmo dentro da sigla acabam perpetuando discursos enganosos pois acabam inseridos nesses meios de desinformações e fake news.

É fundamental destacar que nenhum processo irreversível de terapia hormonal é realizado em crianças trans. O que ocorre, em certos casos, é a administração de bloqueadores hormonais, que têm o propósito de adiar o desenvolvimento sexual até que a pessoa trans esteja em idade adequada para fazer escolhas conscientes e informadas sobre seu tratamento médico. Esses bloqueadores hormonais têm se mostrado seguros e são utilizados para proporcionar às crianças e aos adolescentes trans uma oportunidade de explorar sua identidade de gênero de forma mais tranquila.

No entanto, a campanha "anti-trans" tem se apropriado do argumento de "proteção às crianças" como seu principal slogan, criando um clima de temor infundado em relação às pessoas trans, retratando-as como uma ameaça à sociedade e, em especial, às crianças. Essa retórica é enganosa e perpetua a discriminação, o estigma e o preconceito contra as pessoas trans, essa retórica se embasa em estratégias como "ideologia de gênero" e que a escola deveria ser sem partido. A taxaço "anti-trans" realizada por grupos conservadores revela a hipocrisia presente em nossa sociedade. Enquanto esses grupos propõem projetos de lei sob a justificativa de proteger crianças de supostos "predadores transexuais", é importante lembrar que a grande maioria dos casos de abuso infantil ocorre dentro das próprias famílias. Essa realidade traz à tona a necessidade de repensar o foco e a abordagem em relação à proteção das crianças.

Este grupo conservador rotula os pais de crianças trans que apoiam o tratamento hormonal como abusadores, enquanto ignoram as práticas abusivas que acontecem em relação às crianças intersexo. Essas crianças muitas vezes são submetidas a intervenções cirúrgicas invasivas para se adequarem aos padrões binários de gênero, impostos por uma sociedade que perpetua abusos. A ausência de críticas a essas práticas mutiladoras demonstra uma contradição e um viés seletivo por parte dos conservadores.

Sob a égide de proteger a espécie contra seus perigos internos, de agir em defesa da sociedade e "fazer viver", o poder autoriza a morte de alguns em nome da suposta proteção de outros". (FOUCAULT, 2010, p. 207)

A questão central do debate não é de fato o uso de hormônios e/ou cirurgias em crianças e sim o fato de serem crianças trans. Surpreendentemente, não existe uma preocupação deste grupo "conservador" em relação a "cirurgia" de bebês intersexo ou do uso de bloqueadores de hormônios para crianças cis para retardar a puberdade. O cerne

do debate é o controle de quais vidas merecem ser vividas com dignidade, quais vidas merecem espaço na sociedade. Os hormônios e as pílulas não foram criados pensando no bem-estar do utilizador, foram pensados em como a indústria farmacopornográfica poderia lucrar e na acumulação de capital, no controle de corpos e atos biopolíticos. As primeiras pílulas anticoncepcionais não foram pensadas na saúde feminina, foram pensadas no controle da feminilidade, da raça e da população.

O golpe de mestre do regime farmacopornográfico é ter explorado a retórica revolucionária e emancipatória do movimento feminista dos anos 1960 para fazer passar a gestão química e contraceptiva do corpo feminino como uma etapa de liberação sexual. (PRECIADO, 2018, p. 245)

O esquema que continua mantendo o regime farmacopornográfico vivo é a promessa de liberdade, isto é, a promessa que novos medicamentos, novos meios de produção farmacológicos e pornográficos foram pensados para o bem-estar dos utilizadores. Ao pensarmos, por exemplo, na pílula anticoncepcional, o regime farmacopornô criou, juntamente com o feminismo branco uma narrativa feminista, de que a pílula foi pensada para saúde feminina e seu bem estar.

Podemos afirmar, não sem alguma raiva, que o feminismo liberal abolicionista branco pôde funcionar como um dos aparatos ideológicos paraestatais do regime farmacopornográfico. (PRECIADO, 2018, p. 246)

Quando refletimos sobre a criação da pílula, não podemos dizer que foi uma criação pensada na saúde “feminina”, quando em sua criação mulheres não-brancas foram usadas como ratos de laboratório para sua criação e desenvolvimento. A indústria farmacológica não estava e não está interessada no bem-estar e sim no gerar da capital que ela pode produzir com novas drogas.

9 TESTOMANIA

Nesse tópico abordamos, sob a visão pessoal do autor sua experiência com o uso da testosterona. Preciado narra suas vivências e as consequências biopolíticas que o uso do hormônio trouxe e apresenta a dualidade entre estar viciado ou ser reconhecido realmente com uma pessoa trans. A exploração da ambivalência entre se diagnosticar disfórico de gênero ou viciado em testosterona, acaba por trazer reflexões válidas sobre como os corpos não são tratados como realmente nossos e sim, como um dispositivo de

controle biopolítico do estado. Preciado aborda como o Estado biopolítico age em relação ao controle dos corpos, como se os corpos e suas ações políticas e linguísticas fossem um presente oferecido por ele, para o autor, mudar seu corpo é necessário um “aval” do Estado, é necessário que para ser reconhecido em sociedade, ele se declare doente, um “disfórico de gênero”.

Como já dito neste artigo, nossa sociedade padronizou o “masculino” e “feminino”, porém, a indústria farmacopornô não só padronizou como comercializou essas “essências”, não basta apenas você sentir para ser, você tem que consumir. Nossa existência então agora depende de quanto consumimos: mídias e drogas, na era farmacopornografia não existe vida sem consumo. Assim como as pílulas foram criadas para o controle populacional, os hormônios foram criados para a produção de masculinidade e feminilidade, ambos ligados a reprodução humana, encontram caminhos “desviantes” ao seu principal propósito, e criam a possibilidade de subjetividade humana.

Agora os hormônios e pílulas podem produzir os desejos dos indivíduos; agora eles podem trazer à tona para o meio social como eles se enxergam por meio essa tecnologia, mas é obvio que isso também seria regularizado. Existe todo um trâmite para poder usar testosterona, se for para a mudança de sexo, porém é possível encontrar em vários locais como em academias o hormônio disponível para atletas no sexo masculino. É estranho pensar que existe um grande regulamento para testosterona, mas não para estrogênio, mas o fato é que a masculinidade vale muito mais do que a feminilidade de acordo com a nossa sociedade dominante.

Os processos hormonais são muletas criadas pela sociedade farmacopornô e ao mesmo tempo são a rasteira. A terapia hormonal, em teoria, tem como objetivo ajudar pessoas transexuais a se expressarem como se enxergam para a sociedade. Contudo, isso só é necessário e reforçado pela nossa sociedade cis heteronormativa que criou padrões até para como pessoas trans devem ser e se comportar em sociedade.

10 PORNOPODER

O trabalho e o tipo de exploração especificam que definem hoje a economia farmacopornográfica é o trabalho sexual, e o corpo paradigmático desse modelo de produção é o da puta migrante, do transgênero trabalhador do sexo ou da atriz e do ator pornô.” (PRECIADO, 2018, p. 302)

Na sociedade farmacopornográfica, o apagamento de corpos ditos “não-desejáveis” é cotidiano. Todavia, esses apagamentos podem ocorrer de duas maneiras: i) no âmbito social ocorre pela retirada desses indivíduos de espaços sociais e, ii) sublocando os mesmos em espaços *underground*.

A indústria farmacopornográfica funciona com seus pilares: apagamento, submissão e vício. Tais pilares mantêm os indivíduos reféns de sua esfera farmacopornográfica, o apagamento pode acontecer como dito acima ou, em outros casos, poro suicídio, a violência física e moral. A submissão concerne à “aceitação” do indivíduo em uma sublocação, ou seja, o conformismo com o “estilo de vida” que lhe foi pré-estabelecido. O vício funciona tanto na esfera farmacológica por meio de medicamentos, tanto como na esfera pornográfica, por meio do vício em pornografia.

Essa indústria torna reféns seus sujeitos e suas potencialidades, por isso a grande maioria de atores e atrizes pornô não conseguem sair do ramo mesmo se quiserem, pois, o olhar da sociedade farmacopornográfica não é de que seja uma pessoa como qualquer trabalhando neste ramo, mas sim, um objeto feito para atender seus desejos, vontades e expectativas. O olhar do homem branco cisgênero e rico sob o pornô é que foi feito para ele, para atender seus desejos, ele não para refletir que a grande maioria das pessoas com que ele se depara quando está assistindo não são brancas, ou cis, ou ricas.

O que torna essa discussão ainda mais pertinente, é o fato do país que mais mata ¹² pessoas trans também é o que mais consome pornografia trans ¹³ no mundo, o pensamento heteronormativo é tão forte que o homem branco cis acredita na existência de pessoas trans, mas só em lugares que ele acredita ser apropriado e que existência dessas pessoas estejam ligadas ao propósito de servirem seus fetiches. Continuando com este pensamento, ao refletirmos sobre o processo do Brasil como país e a visão colonial que foi trazida pelos colonizadores, vemos que esta realidade de fetichização de corpos é de longa data, considerando que nos tempos coloniais e até hoje os corpos negros são altamente sexualizados.

Os verdadeiros trabalhadores ultrapaupeirizados do capitalismo farmacopornográfico são as putas, os emigrantes “não escolhidos”, os pequenos traficantes, os prisioneiros transgêneros e não brancos, os corpos destinados aos trabalhos domésticos e de cuidado corporal e, finalmente, as crianças e os animais (as fontes reais de matéria-prima para a produção farmacológica – corpos destinados a participar de testes clínicos

¹² Dados retirados do dossiê da ANTRA (Associação de Travestis e Transexuais)

¹³ Dados divulgados pelo site Pornhub em 2019.

ou a serem consumidos pelas indústrias agroalimentares).
(PRECIADO, 2018, p. 302)

Podemos entender a indústria farmacopornográfica como uma forma refinada de aprisionamento. Embora os indivíduos não estejam fisicamente restritos, eles são submetidos a uma prisão invisível, onde são impossibilitados de viverem de acordo com seus desejos e identidades verdadeiras. Ao refletirmos sobre isso, podemos ver que esta prisão invisível não prende todos os sujeitos, e sim, sujeitos específicos.

A construção do prostíbulo alemão nomeado de Artemis para melhor atender os turistas da copa de 2006, pode ser um dos exemplos deste tipo de prisão. Os indivíduos que eram ali uma “mais-valia” farmacopornô onde os corpos racializados e ultrapauperizados das prostitutas eram os geradores da economia. Tensionando essas informações, podemos entender porque o Estado não oferece condições para que esses corpos orbitem esferas sociais e políticas à “luz do dia”

É fundamental refletirmos sobre como corpos racializados em nossa sociedade. Essa problemática remonta a um passado marcado por uma perspectiva eurocentrada que se estende desde os tempos coloniais até os dias atuais, em que a branquitude foi historicamente associada ao poder e à superioridade. Ao longo da história, as estruturas de poder estabelecidas pela colonização reforçaram estereótipos prejudiciais que perpetuaram a objetificação dos corpos não brancos, alimentando uma mentalidade de inferiorização e submissão. Essa objetificação é especialmente evidente na hipersexualização dos corpos de indivíduos racializados. Esse padrão é perpetuado por diversas formas de mídia, publicidade e cultura popular, reforçando a visão distorcida de que as pessoas racializadas são meramente objetos de desejo, ignorando suas identidades e contribuições individuais. Essa mercantilização dos corpos, associada à ideia de exotismo, reduz a experiência humana desses indivíduos a um estereótipo superficial.

11 MICROPOLÍTICAS DE GÊNERO NA ERA FARMACOPORNOGRÁFICA: EXPERIMENTAÇÃO, INTOXICAÇÃO VOLUNTÁRIA, MUTAÇÃO

Enquanto teóricos queer formulavam sobre a performatividade de gênero e ativistas queer resistiam aos efeitos colaterais disciplinares das políticas de identidade gays e lésbicas, ativistas do ACT UP inventara, as primeiras estratégias que no contexto do neoliberalismo já poderiam ser chamadas de “ativismo antifarmacopornográfico”: a luta contra a aids tornou-se a luta contra os dispositivos. (PRECIADO, 2018, p. 355)

Ao refletirmos sobre a comunidade LGBTQIAPN+ e seus espaços, fica evidente o quanto essa comunidade lutou para não só conseguir espaços exclusivos quanto para ocupar espaços onde eram desejados. Preciado ressalta, por exemplo, as oficinas de Drag Kings como um dispositivo de transformação não só física como comportamental para transcender o sistema regulador e opressor da sociedade farmacopornográfico. Ao pensar nessas oficinas Drag Kings, podemos voltar nosso olhar em como o teatro e as artes perderam forças no currículo educacional, justamente porque suas performances desafiam o transcender de gênero e de sexualidades.

A educação perdeu a potência criativa e tornou-se um peso de repetição: mesmos conteúdos, mesmos diálogos, mesmas formulas e didáticas. Com efeito, invés de lutarmos contra a multiplicidade de seres e saberes, é necessário abraçá-la, trazer para perto recursos e discussões que podem sim agregar o currículo e ainda mais o pessoal.

O trabalho da escola e do educador não terminam dentro de uma sala de aula, portanto, mostrar diferentes culturas, movimentos sociais e entre outros, é de extrema relevância na formação do indivíduo. Não se trata de “incentivar” as crianças a serem LGBTQIAPN+, mas sim de transformar em uma possibilidade essa existência quebrando os padrões de heteronormatividade e criando um ambiente seguro para que a criança possa existir, diminuindo assim os casos de suicídio e abandono escolar.

Trazer para a infância informações e multiculturas é fundamental para permitirmos que, no avançar de suas etapas de vida, a criança entenda melhor as diferenças que habitam no mundo junto a ela. Fazendo isso, podemos criar uma reação de cadeia onde os alunos começaram a se interessar por essa temática, podendo reduzir assim os casos de bullying.

A educação sexual além de uma grande aliada para a redução de gravidez na adolescência e infecções sexualmente transmissíveis (IST), também pode trazer a redução de abuso infantil já que a criança terá informação – adequada para a faixa etária – sobre.

12 REFELEXÕES SOBRE O SISTEMA EDUCACIONAL E O HACKER DE GÊNERO

Ao pensarmos no nosso sistema educacional a visão de Preciado como hacker de gênero na sociedade contemporânea, conseguimos enxergar como a falta de discussões sobre gênero e sexualidades na educação reforçam estereótipos e auxiliam o reforço do poder dominante. É fundamental que esta discussão aconteça para que exista a reflexão

de porque estas pessoas estão no poder, controlando como nosso sistema educacional e como isso se relaciona em como essas temáticas são retratadas e de como podemos mudar esse sistema.

No encontro com as normas de regulação de meu gênero, a infância foi um laboratório inventivo de outras corporalidades generificadas, isto é, outros modos de produzir corporalidades e gêneros. Compreendendo que não somos naturalmente generificados, mas que há um processo de produção de nós, de nossos gêneros, de nossos corpos. (LETICIA NASCIMENTO, 2021, p.16)

Levando em consideração a corporeidade e as infâncias, somos capazes de entender que o sistema educacional vê o educando apenas como um receptáculo de conteúdos e não leva em consideração a subjetividade dos indivíduos. Apesar da lei garantir o direito a educação para todos, sabemos que na prática, ocorre um movimento bem diferente, levando em consideração as taxas de abandono escolar, a taxa de pessoas trans ¹⁴em universidades (0,02%) ¹⁵e empregos com CLT¹⁶, além da expectativa de vida dessas vivências ser de 35 anos, quando pensamos nestes dados, vemos a vitória do sistema farmacopornográfico e também percebemos que as leis, apesar de serem feitas para todas as vivências, apenas funcionam para garantir os direitos justamente desses grupos dominantes.

Se torna de extrema importância que educadores/as comecem a fazer o movimento e de repensem suas práticas, visando o entendimento sobre as infâncias e suas multiplicidades de possibilidades e que além disso reflitam sobre como a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) está sendo verdadeiramente respeitada e colocada em prática em seus ambientes educacionais.

As contribuições de Preciado para a educação são inúmeras e de extrema importância principalmente na infância, visto que, ele busca a emancipação das subjetividades dos sujeitos para que esses mesmos sujeitos existam em sua pluralidade e

¹⁴ Quando cito pessoas trans quero abranger todas as vivências fora do padrão cisgênero

¹⁵ Pesquisa da Andifes revela que pessoas trans e travestis representam apenas 0,2% dos estudantes em instituições públicas de ensino superior.

¹⁶ De acordo com o IBGE, apenas 15% dos participantes da pesquisa relataram ter um trabalho com carteira assinada

que possam ser mais de que um produto do capitalismo farmacopornográfico e mais que uma marionete do poder do Estado e que os corpos e corporalidades sejam livres destas amarras sociais e regradoras.

13 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste artigo foi possível fazer reflexões sobre como o nosso modelo de sociedade atual se comporta. O livro de Paul Preciado, *“Testo Junkie”*, permite uma análise sobre os padrões capitalistas farmacopornográficos refletidos em nosso sistema educacional e em como eles ditam e constroem muros entre a plena vivência da pluralidade e infância, reduzindo a mesma a uma padronização. Somos capazes de entender que esta castração de pluralidade, transforma a educação e a própria pedagogia em ferramentas para a execução da norma e não da construção de sujeitos plurais e curiosos.

Quando exploramos com o autor sua vivência como “usuário” de testosterona, acabamos submersos pelo poder cultural da comunidade LGBTQIAPN+, podendo assim abrir uma reflexão sobre como podemos começar a introduzir tal temática no nosso currículo escolar. Quando paramos e avaliamos, vários artistas, estudiosos etc. fazem parte da comunidade, mas quase sempre esse fato não é inserido nos diálogos, e por que não? É necessário criar uma pedagogia que não tenha medo dos diálogos difíceis que trabalham a inclusão e o respeito da lei e juntamente com isso desmantelem pouco a pouco as relações de poder.

É imprescindível um currículo que aborde as questões de gênero e sexualidade, que permita ao educador entrar em temáticas difíceis e que permita aos educandos acesso às informações que são deles de direito. A desmitificação da educação sexual precisa acontecer de forma urgente, parando de reger nossas infâncias em um dever moral com “Deus acima de tudo” e transformar isso em informação – porque com os avanços da tecnologia, se torna cada vez mais fácil as crianças terem acesso a qualquer tipo de informação – essa mesma informação que poderá criar adultos menos alienados às situações de abuso e desigualdade que acontecem frequentemente na nossa sociedade.

Ao analisarmos a sociedade e os conceitos de Preciado, podemos entender que a castração de multiplicidades não ocorre somente na infância, ela também perpetua por toda a vida do indivíduo como uma grande roda infinita. É possível usar de exemplo o

próprio curso de pedagogia que é majoritariamente composto por mulheres, reproduzindo o preconceito existente na sociedade de que é um trabalho feminino.

É também de extrema importância que o estigma infecções sexualmente transmissíveis (IST) seja combatido com formas educativas que permitam o entendimento real sobre essas infecções, profissionais de saúde e professores devem trabalhar juntos para criar um ambiente seguro e responsável onde possam ser sanadas quaisquer dúvidas relacionadas a essa temática.

Considerando isso, temos um grande serviço de desmanche e desconstrução de uma sociedade predominantemente patriarcal pela frente que só vem sendo possível com a abertura desses diálogos que desafiem as concepções de poder e que promova conscientização da sociedade perante o modo de operar do sistema farmacopornográfico no qual vivemos e devemos combater-lo.

14 REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014

BUTLER, Judith. **Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores**. Autêntica; 2ª edição; 18 março 2016.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa: Mulheres, Corpo e Acumulação Primitiva**. São Paulo: Elefante Editora, 2004.

FOUCAULT, Michael. **Os anormais**. Tradução Eduardo Brandão. 1ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FOUCAULT, Michael. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 23. ed. São Paulo: Graal, 2013.

FOUCAULT, Michael. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FOUCAULT, Michael. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. 41. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 2004

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. Pro-Posições**, v. 19, n. 2 (56), maio/ago. 2008. Disponível em: Acesso em: 8 maio. 2023

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: Ensaio sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. 1ª. ed. São Paulo: N-1, 2018.

NASCIMENTO, Letícia. **Transfeminismo**. Editora Jandaíra; 1ª edição 19 maio 2021

PRECIADO, Paul. **Testo junkie - sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica**. Tradução Maria Paula Gurgel Ribeiro. 1ª. ed. São Paulo: N-1, 2018.

ROUDINESCO, E. & PLON, M. **Dicionário de Psicanálise**. Zahar; 1ª edição 5 novembro 1998.